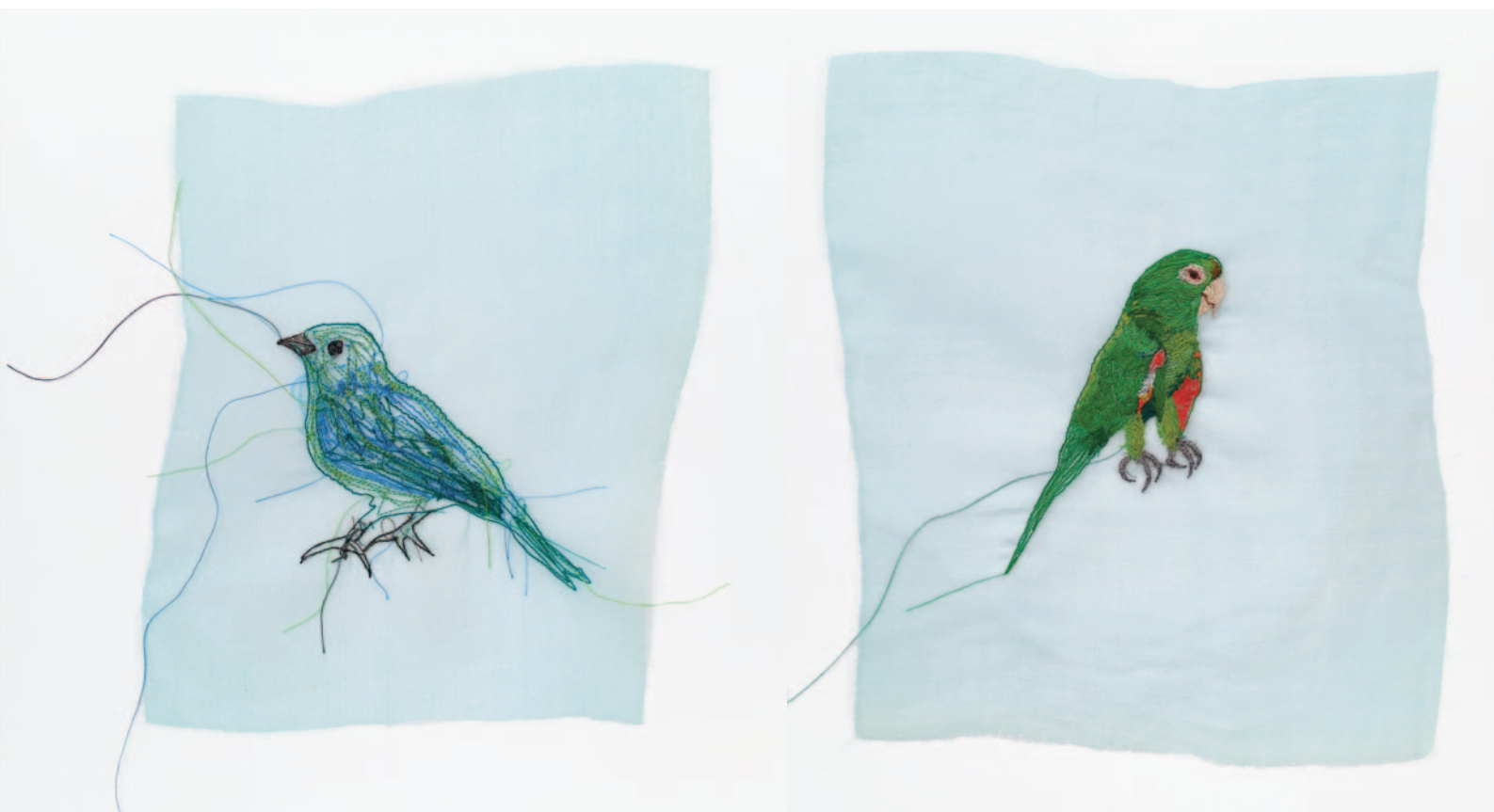


O Tecido do Tempo: O Quintal Espalhado de ROSANA PALAZYAN



Série Visitantes da mangueira – à esquerda: Sanhaço; à direita: Maritaca, 2026

Fotos: Divulgação

Há árvores que não fincam raízes apenas na terra, mas no próprio peito da infância. Para a artista Rosana Palazyan, essa âncora viva é uma mangueira de aproximadamente 60 anos, que testemunhou seus primeiros passos e guardou seus segredos de menina no bairro da Abolição, subúrbio carioca. Agora, essa confidente de folhas e sombras deixa o chão de terra para florescer em afetos na Galeria Anita Schwartz, na Gávea, sob o olhar sensível do curador Ulisses Carrilho. Quintal não é apenas uma exposição: é um relicário de sussurros, bordados e tempo suspenso



Série Botões/sonhos, Albertina, 2026
Foto: Divulgação

No tecido fluido de *Quintal*, o tempo não se mede em horas, mas em nós, fios e memórias. A artista divide com o público a história da mangueira que guarda no peito como a grande confidente de sua infância, transmutando-a em uma instalação monumental que costura sonhos alheios e ensinamentos colhidos ao vento. Tecidos translúcidos, botões resgatados do passado, caroços de manga e uma máquina de costura que pertenceu a seu avô dão corpo a esse território afetivo.

Filha da diáspora e de ascendência armênia, Palazyan maneja, desde o final dos anos 1980, a aparente delicadeza de linhas e panos para tocar em feridas abertas pela violência, pela exclusão e pelo luto – uma densidade conceitual que marcou sua participação no Pavilhão da Armênia, vencedor do Leão de Ouro na 56ª Bienal de Veneza, em 2015. Agora, o olhar da artista se volta para dentro, investigando a maturidade, a velhice e os ciclos da vida.



Série Botões/sonhos, Luiz, 2026
Foto: Divulgação

O projeto germinou em 2020, quando o isolamento imposto pela pandemia levou Rosana de volta à casa de sua infância, no bairro da Abolição, subúrbio carioca, para acompanhar a mãe, Rebeca, hoje com 95 anos. O reencontro com o próprio passado se expandiu em uma escuta atenta do outro, gerando obras que acolhem vozes de diferentes gerações. “Costumo dizer que conto histórias particulares que chegam ao coletivo. E histórias coletivas que chegam muito perto do particular”, reflete a artista.

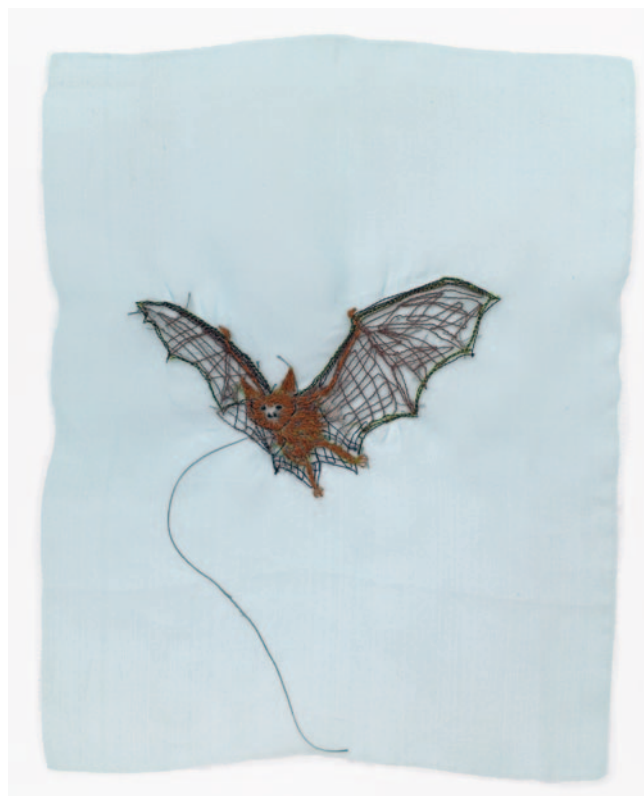
O quintal da Abolição já aparecia na obra de Rosana muito antes desta exposição. As estrelas cadentes que observava na infância inspiraram trabalhos sobre os sonhos de adolescentes em conflito com a lei. As sombras projetadas nas paredes, as formigas e as borboletas também marcaram presença em diferentes momentos de sua produção. Em *Quintal*, a artista retoma essas referências e apresenta o lugar onde surgiram muitas das imagens que marcaram sua trajetória.

A ÁRVORE DOS SONHOS

A instalação central reúne três séries: *Botões/sonhos*, *Visitantes da mangueira* e *Sementes/ensinamentos*. Na primeira, Rosana incorpora aos bordados uma coleção de botões que pertenceu ao avô, alfaiate, e foi ampliada pela avó e pela mãe. Os objetos remetem aos botões das flores da mangueira, que antecedem o surgimento dos frutos, e acompanham sonhos relatados por pessoas com quem a artista conversou durante a preparação da mostra. “*Eu queria que viesse o sonho dali, daqueles botões que ainda não eram frutos. Ainda iam acontecer*”, explica Rosana.

O interesse pelos sonhos acompanha a artista desde 1998, quando começou a ouvir crianças em situação de rua. A pesquisa se estendeu a adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas e a outras pessoas em situação de rua, cujos relatos inspiraram trabalhos apresentados na Bienal de São Paulo, em 2004. Em *Quintal*, Rosana amplia essa escuta para pessoas de seu círculo de relações e familiares de amigos que não conhecia previamente. Entre os relatos recolhidos, estão os de uma mãe e de uma avó, que revelaram desejos, lembranças e ensinamentos até então desconhecidos por suas famílias.

Em *Visitantes da mangueira*, pássaros e um morcego ganham forma em bordados feitos à mão com uma antiga máquina de costura da família. Embora trabalhe com bordado desde 1989, Rosana nunca havia costurado à máquina. Para criar as obras, conduziu manualmente os tecidos, sobrepondo linhas de diferentes cores e combinando as duas técnicas.



Série *Visitantes da mangueira*, Morcego, 2016
Fotos: Divulgação

Na terceira série, *Sementes/ensinamentos*, caroços de manga abrigam tiras de organza com frases recolhidas durante as conversas. As palavras são escritas com sumo de romã e lápis aquarela. Fruto associado à vida e à prosperidade na cultura armênia, a romã estabelece uma ligação entre a ancestralidade da artista e a mangueira de sua infância. “*Eu misturei a romã com a manga*”, resume.

MEMÓRIAS DE FAMÍLIA E PASSAGEM DO TEMPO

Além da instalação central, a exposição apresenta trabalhos relacionados a diferentes períodos da história familiar e a acontecimentos recentes. Um deles, *Casa*,



Série Sementes/ensinamentos – à esquerda: Carminha; à direita: Sr. Luiz, 2026

Fotos: Divulgação

reúne desenho e bordado em uma criação compartilhada por Rosana e sua mãe, Rebeca. Em *Proteção*, elementos vegetais compõem um díptico que prolonga a presença da natureza na exposição.

Em *Visita do dia*, Rosana recupera registros feitos durante a pandemia, quando passou a fotografar e desenhar pássaros e insetos que apareciam no quintal, relacionando essas observações às notícias publicadas naquele período.

Em outro díptico, a artista utiliza tecidos bordados pela avó para abordar o genocídio armênio de 1915 e episódios recentes de violência, como o deslocamento forçado de armênios de Nagorno-Karabakh, em 2023, e a guerra em Gaza, acontecimentos que Rosana acompanhou desde seu retorno à casa da infância.

Para Ulisses Carrilho, o quintal representa um espaço de passagem entre a intimidade doméstica e o mundo exterior. “O quintal não é exatamente a casa, embora pertença a ela; não é exatamente a rua, embora se abra para o mundo”, escreve o curador, que identifica na



Casa (detalhe)

Foto: Divulgação



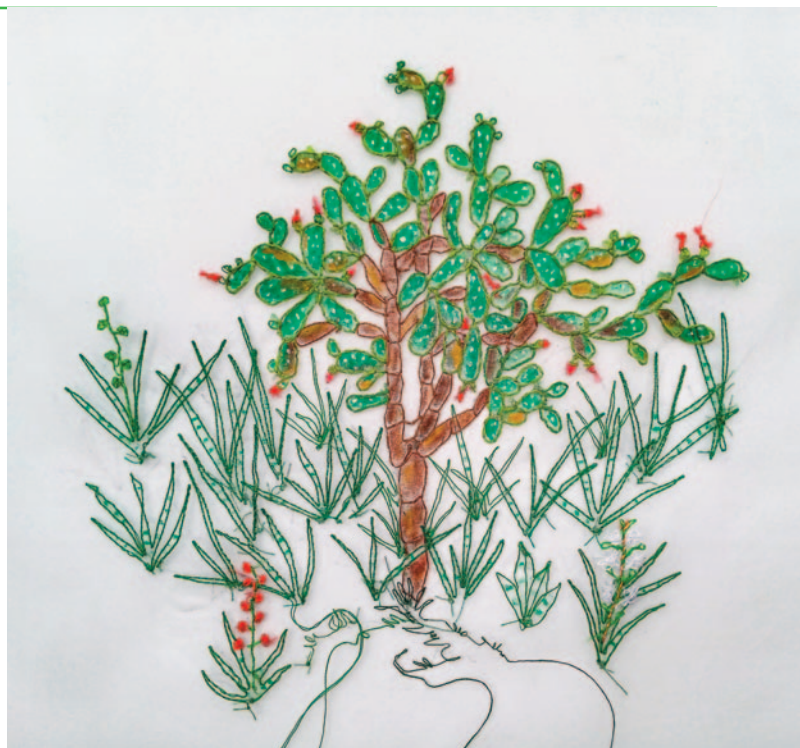
Proteção (diptico), 2026

mangueira uma representação de território construída a partir de histórias, afetos, deslocamentos e perdas.

O BORDADO COMO LINGUAGEM

Rosana Palazyan começou a trabalhar com bordado no final dos anos 1980, quando estudava na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Naquele período, o contato com a obra de Arthur Bispo do Rosário foi decisivo para que ampliasse sua pesquisa, até então concentrada na pintura.

A avó de Rosana, sobrevivente do genocídio armênio, ensinou bordado em um campo de refugiados na Grécia. A artista não chegou a aprender a técnica com ela, mas, durante a infância e a adolescência, observava-a bordar diariamente. Esse contato fez com que o gesto permanecesse em sua trajetória como herança cultural.



Fotos: Divulgação

Rosana começou a bordar após a morte da avó, em um período também marcado pelo contato com a obra de Bispo do Rosário.

De acordo com o curador, a delicadeza dos materiais é uma escolha fundamental na obra de Rosana, que utiliza fios, tecidos e pequenos objetos para abordar questões de grande dimensão histórica e social. *“Em vez de aumentar o volume da história, ela diminui sua escala até que possamos escutá-la. A Grande História passa pelo fio. O trauma passa pelo tecido. A violência passa por uma palavra”*, escreve Carrilho.

O tempo é uma questão central em *Quintal*: o tempo dos materiais, dos objetos, da casa, da mãe, da natureza e da vida. A maturidade também ocupa um lugar fundamental na exposição, que aborda os sonhos e os

ensinamentos diante das transformações que atravessam as diferentes fases da existência. *“Nessa exposição, eu queria tratar da questão da maturidade como um tabu. E quais são seus sonhos? Como desde o início, aqui mais uma vez: o lugar do sonho diante de universos e realidades em que se imagina que eles possam não existir”*, propõe Rosana.

Os ensinamentos recolhidos nas conversas também integram essa reflexão, trazendo à tona desejos e perspectivas que nem sempre são reconhecidos nos diferentes contextos sociais.

Na Galeria Anita Schwartz, na Zona Sul do Rio de Janeiro, a mangueira do subúrbio reaparece feita de fios, tecidos e vestígios de outras épocas. Entre objetos, memórias e histórias recolhidas pela artista, *Quintal* reúne diferentes gerações em torno de uma árvore que continua a produzir sentidos, mesmo longe de suas raízes.

SERVIÇO

***Quintal*, de Rosana Palazyan**

Até 26 de novembro

Anita Schwartz Galeria de Arte

R. José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea,

Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2540-6446 / (21) 99603-0435

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábados, das 12h às 18h

www.anitaschwartz.com.br



Visita do dia, 2020-2026

Foto: Divulgação